5.º ANO — LISBOA—SABADO, 22 DE AGOSTO DE 1925 — N.º 1341

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 37, 2.º Telefone: 1470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 40
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

DO sr. Gomes de Carvalho, recebemos uma carta que só refere a uma outra, que diz ser extensa, assinada por «um grupo de militares que entraram de verdade no Cinco de Outubro» e que teria sido publicada no *Diario de Lisboa*. Devemos declarar, antes de mais nada, que não publicámos tal carta, pois sómente acusámos a sua recepção, mencionando ligeiramente o seu conteudo.

Pela leitura que dela fizemos, só-a-só, estamos convencido que não envolve qualquer desprimor para quem se bateu a sério pela implantação da Republica, antes pelo contrario.

O que ela condena, mas sem que nisso empenhassemos a nossa opinião, é o facto de, 15 anos depois, ainda o Parlamento andar a reconhecer revolucionarios civis, como se não fosse bastante gloria para eles o triunfo dos seus ideais.

Os srs. Alexandre Augusto Ramos Certã, Augusto Triboulet, Franklim Lamas, Saul Simões Serio, Alberto Emilio Meireles, Gomes de Carvalho, Levy Bensabat, João Carlos Alberto da Costa Gomes, Luiz Barreto da Cruz, Francisco Eusebio Lourenço Leitão, Alberto Silva e outros—como é que só agora vão ser proclamados benemeritos do Cinco de Outubro, quando já o foram tantos outros cujos serviços lhes ficam muito aquem?

Esta pergunta é nossa.

* * *

O EX-KAISER não é popular nem estimado na Austria.

Apontam-no como culpado da guerra, visto que uma palavra sua teria feito arrefecer os entusiasmos belicos do velho imperador Francisco José.

Os jornais de caricaturas não o poupam, crivando de ironias o *actual castelão de Doorn*.

Se ele um dia aparecesse em Viena, por exemplo, passaria pelo desgosto de ver o seu nome alvejado por amargas referencias.

—«Não o fará certamente, escreve Richter, porque em Doorn não ha espectros nem os ramos das arvores murmuram maldições»

* * *

AINDA ha entre nós quem julga que os comerciantes e industriais aumentaram os preços dos artigos e dos produtos, por sua livre e expontanea vontade, como se não estivessemos num pais onde a moeda, mudando constantemente de valor, desvalorizando-se, efectivamente, obrigava quem não queria arruinar-se a prevenir-se contra más surpresas. Dizer ao publico que os causadores da vida cara são o comercio e a industria é contar demasiadamente com a credulidade dos ignorantes...

* * *

DEU-NOS o prazer da sua visita o sr. D. Federico Abarrátegui Pontes, distinto jornalista e advogado, secretario da Deputação Provincial e presidente da Associação da Imprensa de Badajoz, que tem percorrido varias terras portuguesas. D. Federico Abarrátegui é um grande amigo de Portugal e dos nossos jornalistas, a quem tem cumulado de gentilezas.

* * *

O GOVERNO italiano pediu autorização para que o avião que vai empreender uma viagem a Buenos Aires possa fazer escala por Lisboa e Açores.

* * *

PARTIU para o estrangeiro, a fim de visitar a Inglaterra, a França e a Alemanha, o nosso prezado amigo e distinto advogado dr. Sá Nogueira.

VENENOS

Entre as nossas continuas causas de mal-estar e irritação ocupam os primeiros lugares as seguintes: a politica, o pessimismo, a retorica, a desconfiança a respeito dos outros e a descrença em nós proprios.

Quando dizemos politica, queremos referir-nos unicamente a um elemento perturbador que divide o país em tribus rivais, estabelecendo entre elas um estado de guerra que, com alternativas varias, vem a cifrar-se em desrespeito de opiniões ou em violação dos direitos da consciencia.

O português é, por naturesa, um apaixonado: em tempos passados tolerou, se não aplaudiu, as maiores violencias, por motivos religiosos.

Agora, com a sua complacencia, empregam-se contra adversarios politicos medidas odiosas, algumas das quais revelam uma maldade a frio que faria empalidecer os irmãos do Santo Oficio.

O pessimismo é a enfermidade caracteristica dos que desejam curar uma doença de figado, obrigando os outros a tragar os calices da sua bilis.

São pessimistas como as aspides são venenosas, os reptis andam de rastos e as osgas se colam ás paredes humidas e salitrosas.

A retorica é a arte dos milagres, o *flos sanctorum* dos intrujões.

Quando um sujeito não crê em coisa alguma, sendo incapaz de juntar, num movimento espontaneo de admiração, o coração e o cerebro, resta-lhe ainda o recurso de pregar as causas nobres, a fim de iludir os ignorantes e os papalvos.

Estes, que têm uma credulidade assombrosa, sendo uma especie de baleias de convicções, estão sempre dispostos a ser os arreburrinhos de todos os fabricadores de falsos paraisos, de todos os anunciadores do pão barato, a troco de aplausos e votos.

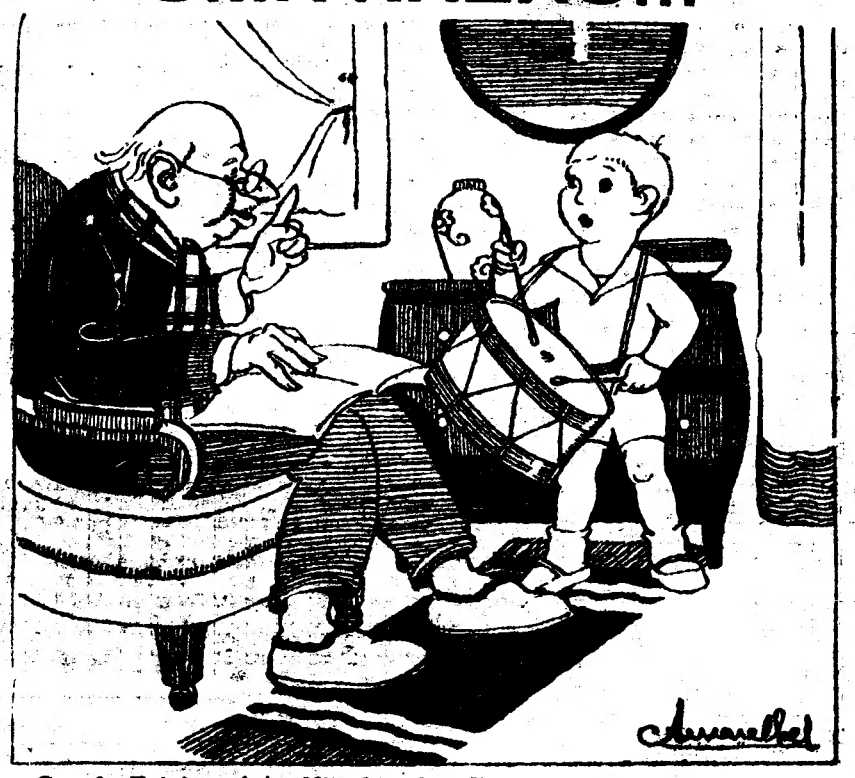
A desconfiança é a fonte das suspeitas—o pantano putrido donde levantam vôo as calunias.

Com os seus olhos vesgos, o homem desconfiado nunca fita a direito: caricatura a honra quasi a ponto de torna-la parecida com a deshonra; o trabalho alheio, serio e honesto, aponta-o ele como um roubo feito ás gentes infecundas e buliçosas.

A descrença em nós proprios completa a serie dos venenos, visto que nos ensina a considerar a nossa pessoa como se ela não existisse.

Em vez de afirmarmos a nossa vondade, impondo-a ao respeito dos nossos semelhantes, preferimos derivar sobre os acontecimentos, como se foramos folha sêca ou tabua de naufragio.

UMA RAZÃO...



O avô—Esteja quieto. Não faça barulho...
O neto—Porquê, avô?
O avô—Porque me adormeceu um pé...

PEDEM-NOS a publicação da seguinte carta:

Sr. Director — Longe de Lisboa, só agora consegui ler, com bastante surpreza, o artigo publicado ha dias, sobre *Ritmica*, pela ex.ma sr.ª D. Irene de Vasconcelos.

Suponho que esta senhora — que eu muito prezo e admiro, — não lê com assidua regularidade os jornais portugueses, visto ignorar que existem em Portugal os *Cursos de Ritmica*, do professor Francisco de Lacerda, a que, em varios artigos, se tem referido o seu excelente diario, comentando em termos elogiosos, perfeitamente justos, as «demonstrações» e conferencias já realisadas pelo mesmo professor.

Espero que, inteirada do assunto e conhecedora dos surpreendentes resultados obtidos entre nós, a sua distinta colaboradora faça justiça, numa das suas proximas cronicas, aos esforços e competencia do ilustre artista e tenaz organizador que é Francisco de Lacerda. De v. etc., *Lucitia H.*, aluna do Curso de Ritmica do prof. F. de Lacerda.

* * *

É DE toda a justiça que, a exemplo do que se fez o ano passado, seja permitida a passagem livre de Vila Real de Santo António para Ayamonte e Isla Cristina, durante os meses de agosto e setembro. Neste tempo, a Praia de Monte Gordo enche-se de banhistas do Alemtejo e do Algarve—e uma das principais distracções que lhes podem ser oferecidas é a possibilidade de visitarem as povoações espanholas vizinhas. Surge, porém, a Policia de Emigração—obrigada a cumprir ordens superiores—e os pobres banhistas, com a Andaluzia á vista, sofrem dolorosamente, o suplicio de Tantalo...

* * *

FALA-SE de novo no perigo a que se acha exposto o nosso Ultramar.

E' bom não exagerarmos, porque a diplomacia, no periodo das estações de aguas, é feita por subalternos.

Em todo o caso, além da muita prudencia, recomenda-se que fixemos as bases da nossa politica colonial, de maneira a evitar que os outros — os que contam com a nossa credulidade — nos queiram vender, Deus sabe por que preço, as suas lições.

* * *

SERETH New é autora dum romance—*Thérèse Quincia*, de leitura agradavel e consoladora, que o escritor francês André Beaulesort acompanha duma carta-prefacio. Ocupa-se principalmente do esforço comovedor duma mulher que deseja emancipar-se, pondo a sua inteligencia acima do seu coração, mas que acaba por entender que tal caminho é errado—motivo por que regressa ao seu lar, depois duma penosa experiencia.

* * *

JOÃO Grave, no seu recentissimo livro—*Os Vivos e os Mortos*—edição da Livraria Chardron—dá-nos uma série de estudos, apreciações, evocações e ensaios, passando em revista os factos e homens da nossa epoca, que julga com a bonhomia e a indulgencia de quem sabe que a perfeição não é deste mundo e que a historia, entre outras grandesas, tem tambem a das suas miserias.

* * *

POR nos ter chegado tarde, publicaremos na segunda-feira a nossa habitual Cronica Financeira.

Esperanto

A feira de Frankfort A. M.

A Direcção da Feira de Frankfort distribuiu uma brochura, em Esperanto, de 24 paginas, para que se possa fazer uma ideia da sua historia e mostrar a significação economica que têm actualmente as Feiras Internacionais de Frankfort. Conseguiram em muito pouco tempo adquirir uma apreciavel confiança por parte do Comercio e Industria e confirmi-la. Sua organisação garante aos expositores e compradores todas as vantagens exigidas nas grandes feiras modernas.

Todos os pedidos de adeaão para a Feira do Outono, que se realisará de 4 a 7 do proximo outubro, e informações sobre todos os assuntos que lhe digam respeito devem ser dirigidos a Foiroficejo (Messamt), de Frankfurt-M. Platz der Republik.

Associação Portuguesa de Esperanto

A eleição dos corpos gerentes que deverão dirigir esta Associação até ao proximo Dezembro, deu o seguinte resultado:

Direcção

Presidente: Luzo Bemaldo
Vice-Presidente: Saldanha Carreira
1.º Secretario: Adolfo Nunes
2.º Secretario: Antonio da Costa
Tesoureiro: Alberto Godinho
Vogais: D. Adelaide de Carvalho
« D. Etelvina Silva

Assembleia Geral

Presidente: Bandeira de Melo
Vice-Presidente: Adelino de Carvalho
1.º Secretario: José Ramalho
2.º Secretario: Manuel Soares de Castro

Conselho Fiscal

Ernesto da Maia
Mario Lopes do Rego
Eduardo Antonio dos Santos

O Esperanto na Policia

Por ordem superior foi determinado que as lições da lingua auxiliar Esperanto aos policias fossem dadas com prejuizo de serviço.

No "Bal-Tabarin"

Mme. Meguy novamente vitoriosa

A noite de quinta-feira foi mais um triunfo para o «Bal-Tabarin», da rua da Gloria.

Mme. Meguy, desafiada por La Mora, aceitou o repto e venceu a sua competidora, com grandes vantagens, que interessaram profundamente o publico. Estrela Castro continua na sua marcha gloriosa, deliciando-nos em inegualaveis canções. Matilde Sanches, Zazá e Gloria Castro sobresaem cada vez mais nos seus trabalhos. No fim do corrente mês ou principios de setembro, no elegante «cabaret» estrear-se-hão novos artistas.

O serviço de «restaurant» cada vez mais primoroso e a preços convidativos.

CARTAZ

TEATROS

S. Luis=A's 21,45=Luta feminina e variedades.
Politeama=A's 21,30=«O Leão da Estrela».
Eden=A's 21,30=«A cidade onde a gente se aborrece».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Rataplan!».
CoHseu dos Recreios=A's 9=Torneio de luta e variedades.
Salão Foz=A's 20-45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.

CINEMA CONDES

Hoje, ás 20,30 h.
Soirée elegante — Reunião da moda

Estreia de curioso magazine
JORNAL DO CONDES 273

Em pelo sucesso a joia
A CHAMA DA VIDA
5 actos por Prixilla Dean

A comedia sentimental
NOIVA DE GUERRA
5 actos por Creighton Hale

O comboio das 4 2 actos por Sid Smith

A POLITICA
Ilusões
e perigos
da religião
SOCIALISTA

Se ha assunto politico que esteja em plena actualialidade, despertando incessante interesse e provocando permanentemente a curiosidade, é o socialismo. Agora, essa curiosidade e esse interesse aumentaram em face dum novo aspecto apresentado por um dos seus mais considerados corifeus.

De ha muito que se vinha anunciando que seria pronunciado um discurso revelando ao mundo coisas assombrosas. O discurso foi, com efeito, pronunciado ha dias pelo temido chefe socialista, no parlamento francês, M. Léon Blum.

Em meio da atenção geral, com voz grave, depois de alguns preambulos gerais, disse estas palavras:

«Quando nos veem dizer: «Sois uma Igreja, não nos ofendem... Somos uma catolicidade! Tambem nós pretendemos o dominio espiritual. Tambem nós criamos algumas coisa que se parece com uma fé. Tambem nós, como a igreja catolica, temos o orgulho de encarar os acontecimentos e as coisas *sub specie aeternitatis*».

«... O papel de arbitro entre as nações já não é realisavel pela Igreja; somos nós o socialismo, que o revendicamos; é a esta sucessão espiritual que nós pretendemos.»

E' desnecessario dizer que a emoção produzida no mundo politico com esta declaração foi muito grande, Teve ela repercussão e os que desejem estar ao corrente do movimento intelectual, certamente, apreciarão os esclarecimentos complementares.

Foi, por isso aguardado por nós com anciedade, o estudo que, com certeza, o erudito e criterioso sociologo dr. Le Bon lhe consagraria. Assim sucedeu.

Dedica-lhe um belo artigo, frisando, desde o principio, a importancia da declaração e, como ha vinte anos, a tese, paradoxal, então da transformação do socialismo em religião que por ele tinha sido sustentada.

Mas, ante os olhos do curioso leitor poremos algumas considerações baseadas num magnifico trabalho, recente:

O nascimento duma religião nova é um fenomeno assaz raro na historia e sempre acompanhado de consideraveis irregularidades. Das meditações de Boudha sob a arvore da sabedoria, cinco seculos antes da nossa era, surgiu uma religião que transformou a existencia do Extremo Oriente e dirige ainda o pensamento de quatro milhões de homens. O Cristianismo determinou, mais tarde, transformações muito profundas.

O Deus saido dos sonhos de Mahomet permitiu a obscuros nomados fundarem um imenso imperio hoje desaparecido, mas de que a fé que o fez nascer esta sempre viva.

Se as religiões têm semelhante força, é porque elas dão aos homens esses pensamentos e esses sentimentos comuns que fazem a unidade e, por consequencia, a força das nações.

A religião socialista crê ter encontrado apoio nesta interdependencia economica dos povos, de que está suficientemente assinalada a importancia.

Eis como se exprime a este respeito o sr. Leon Blun:

«Nenhuma nação, hoje, por mais forte, por mais rica e melhor armada que se possa conceber, pode, com os seus unicos meios, pelo simples e puro exercicio de um direito que ela tire dos tratados, regular as questões que mais interessam á sua prosperidade, á sua vida ou á sua segurança.»

Os socialistas teem constatado, e bem, a inter-dependencia dos povos, mas não viram ainda que se as nações são ligadas por seus interesses, elas permanecem profundamente separadas por diferenças irreductiveis da mentalidade que as levam a ter concepções politicas muito dissimilhantes.

Resumir-se-hiam sumariamente algumas de essas diferenças numa classificação dos povos em estatistas e individualistas.

Entre os individualistas, todas as grandes emprezas, industrias, universidades, etc., são dirigidas pela iniciativa privada. Nos estatistas, os governos acham-se sobrecarregados do maior numero de funções possiveis, possuindo por isso, os cidadãos uma muito restrita dose de iniciativa e de independencia.

E' precisamente por motivo dessas divergencias de mentalidade que os povos individualistas, os americanos sobretudo, regeitam com honra o socialismo. Os latinos, pelo contrario, admitil-o-hiam facilmente se ele não se fizesse rodear de tantas ameaças de ruina e de devastação.

Os americanos mostram-se justamente altivos do seu individualismo e se, por necessidades militares, eles tiveram de se sujeitar ao estatismo durante a guerra, regeitaram-n'o logo desde que a paz foi firmada.

Quando os homens dão provas d'uma semilhante mentalidade, não precisem de qualquer dictadura: nem socialista, nem monarquica.

Estas diferenças de constituição mental, têm consequencias economicas tão importantes, como as de ordem politica.

Sendo todas as fabricas do Estado mais onerosas que as da industria particular, os juros definitivamente socialisados encontram-se num estado de inferioridade manifesta em face dos que o não sejam. Ora, no estado actual da industria, um país só vive procurando no estrangeiro as materias primas que não se produzem no seu sólo. Não as póde pagar senão com mercadorias, cujos preços de custo não ultrapassem os dos seus concorrentes no mercado mundial.

Uma nação inteiramente estatistica pelo socialismo, seria obrigada a vender esses produtos mais caros que os dos seus rivais. Ela tornar-se-hia pois, fatalmente, uma nação de vida cara, de falta de trabalho e, por consequencia, como na Russia, de miseria para os trabalhadores, a quem o socialismo pretende melhorar a sorte. As ilusões dos teoricos não saberiam, com efeito, prevalecer com esta lei psicologica irredutivel—ensinando que a iniciativa e o esforço individual são estimulantes que nenhum sentimento colectivo jámais conseguiu substituir.

Sem admitir abertamente essas evidencias, os chefes do partido socialista pressentem-nas um pouco e eis porque o seu sonho se fixa no estabelecimento duma ditadura internacional socialista que regularia para o universo os salarios, os preços, as trocas, etc., de maneira a suprimir todas as concorrencias industriais e comerciais.

«E' preciso, diz Leon Blum, introduzir na vida respectiva das nações, uma especie de legalidade internacional; é necessario admitir uma especie de limitação.»

Traduzidas estas declarações, em termos claros, elas significam simplesmente que o mundo devia ser regido por um governo socialista, o qual constituiria nacessariamente uma ditadura absoluta.

Para depois outras considerações.

José Parreira

! Prestações !

Calçado, fazendas, fatos, mobilias, chapeus, sem fiador.
16 PRESTAÇÕES
Travessa de André Valente, 7-1.º
(AOS PAULISTAS)

FOTOGRAFIA «AMERICA»
OS MELHORES RETRATOS
R. Registo Civil, 6, 1.º (ao Intendente)
Telefone Norte 3029 — LISBOA

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrella 13, 1.º Esquerdo

Colchões de arame
H. BONO
75, Rua do Diario de Noticias, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Sara)
TELEFONE: Central 642

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marqueza do Funchal, D. Maria Izabel de Melo Faleão Trigoso de Siqueira (S. Martinho), D. Margarida Chaves Santos e Silva, D. Camila de Castelo Branco de Carvalho Cardoso e Silva, D. Maria Manuela Patricio da Cunha Matos, D. Vitoria Horta Machado de França (Alte), D. Maria Candida Vieira de Melo, D. Maria Violante da Costa Campos e D. Ludovina Antunes.

E os srs.:

Visconde de Morais (José), dr. Bernardo Pinheiro de Aragão, José Francisco de Azevedo Bourbon Ayres de Campos (Ameal) e Fernando Manuel de Almeida Mota Marques.

E depois de amanhã as senhoras:

D. Carlota de Saldanha Oliveira e Sousa, D. Amelia de Abreu Lima Carvalho Leitão, D. Julia Leonor Pinheiro Lobo Machado Cardoso de Menezes (Margaride), D. Alice Ramalho Pinto da Fonseca, D. Maria Manuela de Pinto Horta Ferreira Lima, D. Maria da Conceição de Sommer Viana e D. Ema Dias da Silva.

E os srs.:

João Velez Caldeira, padre Antonio de Almeida, Antonio Domingos Pinto Martins e Rafael Nobre Sobrinho.

Casamentos

Realisou se em Couço o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Galiza Brochado, gentil filha da sr.ª D. Custodia Rosado Galiza Brochado e do sr. Joaquim Galiza Brochado, com o sr. Josué de Oliveira Durão, filho da sr.ª D. Carlota de Vasconcelos Hasse Oliveira Durão e do sr. João de Oliveira Durão, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Conceição Rovisco Garcia e D. Candida de Vasconcelos Hasse de Oliveira, tia do noivo, e de padrinhos os srs. drs. Rovisco Garcia e Americo Durão, irmão do noivo.

Terminado o acto religioso, durante o qual as sr.ªs D. Rosa e D. Maria Emilia Gonçalves cantaram, com acompanhamento de orgão, uma «Avé-Maria», foi servido na residencia dos pais da noiva um fino «lunch».

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Doentes

Tem passado um pouco incomodada de saude a sr.ª condessa de Estarreja. Fazemos sinceros votos pelo pronto restabelecimento da ilustre titular.

Em viagem

Os srs. condes de Paçô Vieira partiram do Porto para a sua casa em Paçô Vieira.

—No seu automovel «Lancia», partiu para Amarante com sua esposa a sr.ª D. Maria José de Barros Belmarço e seus gentis filhinhos, o sr. Hugo Navarro de Andrade Belmarço.

—De Coimbra, parte dentro de alguns dias para o estrangeiro, o ilustre professor de medicina sr. dr. Novais e Sousa.

—Regressou com sua esposa a sr.ª D. Constança Berquó de Mendóça Feyo Folque e seus gentis filhinhos, da sua quinta das Fontainhas, em Setubal, o sr. José Bastos Feyo Folque.

—Encontra-se já em Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques e seus gentis filhinhos, o sr. dr. José Antonio Meyreles de Campos Henriques.

—Acompanhado de sua esposa a distinta artista sr.ª D. Helena Roque Gameiro Leitão de Barros, parte dentro de alguns dias de Colares para o Minho, o brilhante artista sr. Leitão de Barros.

—Ontem partiu no rapido de Madrid, para Albistel, onde vai assistir ás festas que ali se realizam, o sr. Francisco Esteves, acompanhado de alguns amigos.

—Para Vila Nova de Ourem seguiu de automovel, com alguns amigos, o sr. Herbert Dias.

—Parte amanhã para Paris, em viagem de estudo, acompanhada de sua mãe, a medica sr.ª D. Isabel Pereira.

—Partiu para Vila Nova de Oliveirinha, com sua esposa a sr.ª D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, o sr. Luis Borges Bandeira de Melo. Seu filho Luis, seguiu de Inglaterra para a Alemanha.

Mary de Cler

No elegante e bem fraquentado «Alster Pavillon», da rua do Ferregial, continua a exibir-se, com os seus excelentes trabalhos, a insinuante e atraente artista Mary de Cler, que tem levantado bem alto o seu nome no estrangeiro, onde adquiriu grande fama e enormes exitos. Entre nós está ela sendo alvo, todas as noites, de freneticos aplausos—pois a isso tem jus.

O elegante «cabaret» que, além da simpatica artista, conta outras tambem de fama e agrado publico, tem ainda a alegrar os seus frequentadores boa musica e excelente agrado dos seus empregados.

E' ali que se passam horas agradaveis e felizes, já pelo conjunto já pela amenidade e conforto do excelente salão.

Seja cristão ou maçon
Tudo gosta do BEM-BOM

As ourivesarias

da firma PEIXOTO, PINHEIRO & MAIA L.da
Rua da Palma, 14 e 16
Rua da Boavista, 22
e da firma PEIXOTO, MAIA & PINHEIRO, L.da
Rua de S. Paulo, 31
Rua de S. Paulo, 114
são as que mais se limitam
Telefone Central 1322
Telefone Norte 5117

UMA PAGINA INEDITA

As cartas de amôr

de Soror Mariana

e um estudo do falecido poeta Antonio Sardinha

A enorme obra nacionalista de Antonio Sardinha não parou com a sua morte. Continua-se nos seus discipulos e nos numerosos estudos ainda ineditos que a revista *Nação Portuguesa* está publicando.

Dum desses estudos—o mais completo e o mais interessante que tem aparecido sobre as cartas de Soror Mariana—transcrevemos hoje a primeira parte:

Sempre lhes quero contar que ao menos numa coisa estamos os dois de acordo, Jean Jacques Rousseau e eu. E é ácerca daquela passagem da «Lettre à M. d'Alembert», em que o autor do «*Emile*», **a proposito das mulheres e do amor**, declara redondamente: «Je parlerais tout au monde que les «Lettres portugaises» «ont été écrites par un homme».

Na verdade, á roda da enovelada questão das «Lettres portugaises», aparecidas em Paris, «chez Claude Barbin, au Palais, sur le second perron de la Ste. Chapelle», **no ano da graça de 1669, «avec le privilége du Roy», desenvolveu-se durante dois seculos** e meio todo um abundante mundo de hipoteses novelescas, que só por si constituem um romance bem mais agitado que o agitado conflito em que gratuitamente se estorcem e gritam as cinco «Cartas» da freira. Surpreende, por isso que seja Jean Jacques, o pai do grande pecado romantico, o primeiro a entrar na visão do problema com as luzes serenas da inteligencia. E' do mesmo modo o que sucede em Portugal com Camilo Castelo Branco, não menos romantico que Rousseau e que se escusou sempre a atribuir a autoria das celebres «Cartas» á pobre religiosa alentejana, desenterrada do olvido do seu coval humilde pelo folhetim publicado por Boissonade,—supõe-se que fôsse Boissonade —, em 5 de Janeiro de 1810 no «Journal de l'Empire».

Ocupava-se o folhetim do «Journal de l'Empire» do «Manuel du Libraire et de l'Amateur des livres», de Jacques Bronet. Registava Bronet a edição das «Cartas chez Barbin», sem lhe aditar nenhum esclarecimento que lhe identificasse a paternidade. Coissonade,—ou o do «Journal de l'Empire» —, esclarecia então que as «Cartas» tinham sido dirigidas ao senhor de Chamilly e que a sua tradução para francês pertencia, ou a Guilleragues, ou a Subligny. Quanto á religiosa que as escrevera, os bibliografos não adiantavam nada. Mas ele, Boissonade, possuia no seu exemplar da edição de 1669, uma nota manuscrita que talvez resolvesse o enigma. «Sur mon exemplaire de l'édition des» lettres portugaises, de 1669, —, informa o A. do «Journal de l'Empire» —, «il y a cette note d'une écriture qui m'est inconnue: La religieuse qui a écrit ces lettres se nommait» Marianna Alcoforada, «religieuse àBéjà, entre l'Estremadure et l'Andalousie. Le chevalier à qui ces lettres étaient écrites était le comte de Chamilly — dit alors le comte de Saint-Léger».

Impressionou-se o morgado de Mateus com uma pista tão concreta, dedicando-se imediatamente a desenredar dos nossos linhagistas qualquer indicio da existencia da malaventurada monja. Como uma predestinação fatal do apelido, surgiu-lhe apenas o espectro do pagemzito Antonio Alcoforado, envolto no halo sangrento da sua fragédia amorosa. E só Camilo se sentiria visitado pela alegria de arrancar a um velho chão genealógico, — como ele tanto gostava de dizer! —, uma alusão autentica á Soror Mariana, da nota de Boissonade. Na sua continuação ao «Curso de literatura portuguesa», eis como Camilo se exprime: «Não duvidamos, todavia, nem dos amores, nem da existencia da religiosa Mariana Alcoforado no convento da Conceição em Beja pelas noticias que temos dela e de sua familia, conformes ás genealogias ordenadas por D. Antonio de Aguilar e José Freire de Montarroio Mascarenhas...» E depois de nos deslindar a arvore familiar de soror Mariana, Camilo acrescenta:—«Desde 1724, não encontramos a posteridade dos Alcoforados de Beja, cujo tronco não é com certeza do rico-hmem D. Gueda o «velho», de quem descendem os Alcoforados da casa do Silva, de Vila Pouca, etc. Ainda assim cabe alguma gloria aos Alcoforados de Beja, se alguns existem, porque lá têm a mimosa vergontea da apaixonada freira que provavelmente feneceu, e se pulverizou no claustro de Beja sem ter frutificado, tendo florecido tanto em cartas de fina amante, se a conjectura prevaleceu ás nossas suspeitas de que tal freira, amando talvez muito o conde, não escreveu tais cartas, e apenas lhe deu o amor e o nome para a vaidosa ficção». Observava isto Camilo haverá já para cima de quarenta anos e eu creio que em semelhant juizo assenta a solução do problema das «Cartas» da Freira. Se, efectivamente, as analizarmos com atenção requerida, salta-nos logo á vista o evidente artificio literario que as repassa de ponta a ponta. Não se perceberia nunca como é que se amassou á sua volta uma aureola de dôr soluçada, se não considerarmos quanto contribuiu para formá-la, a sentimentalidade propria da psicose romantica. Para que o nosso asserto se justifique devidamente basta reparar que o começo das tentativas de reversão das «Cartas» á nossa linguagem coincide com o alvorecer do seculo passado. E' Filinto Elisio quem abre a marcha desses diligentes restituidores, — e abre-a tropegamente, a ponto de Luciano Cordeiro, nada feliz tambem, não resistir a ponderar, a respeito dum dos trechos adaptados, pelo arcade: — «Será castiço e galante, mas adivinha-se a pitada do rapé fungada pachorrentamente pelo purista, torneando o periodo.»

Não cheirava rapé Luciano Cordeiro. Mas impregnado da verbologia romanesca e com as tinturas francesas da mentalidade do seu tempo, não soube interpretar á pretensa angustia da Freira de Beja na «Lettre première». Pois como imaginam que Luciano Cordeiro traduziu? «Consagrei-te a vida desde que em ti descançaram meus olhos, e sinto em sacrificar-t'a um mistico prazer» «Um mistico prazer»! E' admitir abusivamente, num anacronismo sem qualificação por grosseiro em extremo, que em Soror Mariana, — e porque não «Madre Mariana», como lhe chamam os documentos referentes? —, o «divino» se confundisse com o «humano» naquela leviandade de fraseologia que só o ultra-romantismo tornou posisvel entre nós.

Com efeito, se colocarmos num plano mais amplo a debatida questão das «Cartas», verificamos sem esforço que elas nos fornecem motivo para um estudo ácerca das devastações cometidas em Portugal pelo ultra-romantismo. Repare-se que eu não acuso o Romantismo, porque com o seu regresso pela mão de Garrett, ás fontes liricas da nossa raça, não o reputo de modo nenhum um desorganizador da alma nacional, que, pelo contrario, libertou da convenção asfixiante da Arcádia. Já o ultra-romantismo, — sinonimo português do Romantismo que de França soprou com a Revolução —, abriu sulco profundo no veio claro dos nossos sentimentos, avariando-os preversa e desabaladamente. Ora se quizermos um dia instruir-lhe o volumoso processo, a historia das «Lettres portugaises» nos basta. Seguramente, levado pela influencia que exerciam na sociedade polida de França sua contemporanea, é que Filinto as procuraria enroupar da luzente expressão lusitana. Na mesma esteira de curiosidade erudita seguiria o morgado de Mateus, embora directamente influenciado pela atmosfera dos salões onde imperava a sedução intelectual de Madame de Sousa, sua companhira. Empenha-se mais tarde Antonio Pedro Lopes de Mendonça em devolver as «Cartas» da Freira á sua presumivel forma nativa. Herculano resminga e é Lopes de Mendonça quem no-lo revela. «O nosso amigo Alexandre Herculano, — informa —, é da opinião que as Cartas «são originalmente escritas em francês, e parece dar pouco crédito» á tradição que as atribue a uma religiosa portuguesa». Assoma depois a reflexão prudente de Camilo. E de então para cá rpresentaria um curioso florilegio de psicopatia literaria, o deboche lirico que em torno das «Cartas» se desenvolveu, dando lugar ás mais imprevistas e disparatadas afirmações. Fixaremos algumas.

Conduzido pelo seu criterio farisaico de jacobino, Teofilo Braga decretára que as Cartas são o «unico produto verdadeiramente sentido, verdadeiramente belo, que a alma portuguesa apresenta no seculo XVII.» Guardando melhor as proporções e as conveniencias, Luciano Cordeiro não apoia o juizo falso que a Teofilo merece a centuria seiscentista, — admiravel centuria, tão catolica, tão classica e tão nacional! —, mas não se evita de cair na culpa mortal da sua geração envenenada pelo francesismo torpe de Michelet e Vitor Hugo, admitindo que sem as Cartas «esse seculo (o seculo XVII) fica realmente truncado na historia litraria portuguesa» Porquê? Porque «falta aquele viatico, vibrante, indisciplinado, que nos traz como que uma lembrança consoladora e amiga do que é natural, do que é espontaneo, do que é ingenua e necessariamente verdadeiro e eterno, no meio das pompas e dos refinamentos artisticos, magistrais, da grande orquestra dos seiscentistas».

E não se fica por aqui o tormento de Soror Mariana, — a triste neta de Maria Mendes, a tendeira de Beja. Descendendo por seu pai duma pequena nobreza de provincia, aos efeitos sentimentais de que lhe rodeiam a estirpe fazem na depressa duma alta estirpe, mordida, ao cabo de tanta humildade no amor, pelo orgulho legitimo do sangue. «Si quelque hazard vous ramenoit en ce pays, je vous déclare que vous livreroy à la vengeance de mes parents». Esta frase sugére ao sr. Teofilo Braga uma ideia que sem querer nos parece injusta, — anota Luciano Cordeiro na sua boa fé evidente. Diz ele: — «A abandonada religiosa tem alma peninsular; queria ver sangue em castigo de tamanha traição. Ela ameaça-o com o punhal». E Luciano Cordeiro ajunta: — «Com o que ela o ameaça, supondo que sinceramente o ameaça, é com a vingança dos séus». Certo pode bem dizer-se como o ilustre escritor: — «o instinto fidalgo dos Alcoforados renascia». Mas esse instinto ou essa fidalguia não usava punhal, usava espada, já o observamos.»

Eis um ligeiro detalhe que nos instrue suficientemente: — o punhal dos Alcoforados! Mas o abuso continuará. Singelamente a imaginaria Freira das «Cartas» confessa: — «J'estois troublé par le péril que vous couriez en entrant dans le Convent, je ne vivois pas lorsque vous estiez à l'armée, j'etois au desespoir de n'estre pas plus belle et plus digne de vous, je murmurois contre la mediocrité de ma condition...» E' a «médiocrité de ma condition» que nos interessa nesta transcrição. Afivelado á ideia de que os Alcoforados se inseriam em estirpe dotrada, Luciano Cordeiro, sempre com as lunetas que lhe emprestara o A. do «Journal de l'Empire», protesta quasi indignado: — «Para nós aquela «mediocridade de condição» alude simples e naturalmente á condição de freira, e de freira franciscana, de uma pequena cidade de provincia o que nos parece bem mais natural e conforme com as revelações dos documentos do que atribui-la a inferioridade de nascimento e de fidalguia. Tão fidalgos, senão mais que os Bouton, eram os Alcoforados, e nem como freira e franciscana, Mariana deixa de usar o «Dom», que era então ainda uma caracteristica genealógica».

ACUSEI MANOEL RAMOS

Acabo de ler na «A Batalha» que tinha sido uma novela inventada por mim a acusação que fiz a Manoel Ramos de ter recebido indevidamente, em meu nome, a quantia de 22 000$00. Causou-me extranheza, confesso, tal attitude, pois que a varios elementos syndicados que me procuraram para esse fim, fiz logo saber que não eram 22 000$00 mas sim 10 já recebidos e mais 8 que pretendia receber. Eu tinha cobrado 12.000$00 como preço total dos meus honorarios. Acusei-o, portanto, de ter estabelecido novos honorarios sem meu conhecimento e de ter recebido nova quantia. O então meu auxiliar de escriptorio sr. Rodrigues Natário poderá até explicar melhor porque pediram a sua intervenção, abusando da sua boa fé e exigindo-lhe que nada me dissesse... O sr. Natario é hoje agente da 2.ª Secção da Policia. Diz-se na declaração de hoje na «A Batalha» que se o preso Carreira não desmentiu a minha acusação, dando o por lesado, foi por estar doente no hospital de Coimbra. Pois ahi vae um trecho da carta que... do hospital de Coimbra o referido preso me escreveu em 13 de junho findo:—

«De posse do presado favor de V. Ex.ª de 11 do corrente que muito agradeço, Quando V. Ex.ª aqui veio entreguei lhe 3.000$00. Depois entreguei 9.000$00 ao sr. Ramos, para ele aí mandar ò João Estofador leval os de V. Ex.ª

Foram entregues estes 9.000$00? Se V. Ex.ª recebeu estes 9.000$00 então «levou-me o Manuel Ramos 10.000$00. Depois de V. Ex.ª ter falado comigo, na cadeia, disse-me o Ramos que V. Ex.ª lhe tinha mandado dizer que me não iria defender por menos de 30.000$00 e era com isso que eu estava a contar e em vistas do dinheiro que entreguei a V. Ex.ª e do que entreguei ao Ramos (em vistas de ele dizer que era para mandar a V. Ex.ª) resta (julgo eu) 8.000$00.—Então eu já não sei escrever directamente aos clientes? Outro trecho:—«Eu nunca recebi correspondencia alguma de V. Ex.ª a não ser esta que V. Ex.ª me escreveu no p. p. dia 11 do corrente. Eu estou admiradissimo como o Ramos me apanhava a correspondencia. Foi verdade o sr. Notario vir aqui, mas o sr. Ramos fez-me vêr que ele era procurador de V. Ex.ª e que «tinha vindo por mando de V. Ex.ª»

Quem anda, afinal, a fazer novela? Serei eu que tão sómente falei fundamentado no que me escreveu o preso que só começou a receber cartas minhas depois da ausencia do Ramos, apesar de eu lhe ter escrito bastantes?

Decidam lá isso para eu saber em que ficamos. Quanto á minha atitude sempre é mais logica e menos censuravel do que a dum preso que abusa do nome do proprio advogado que até á hora do seu embarque para a Africa, por ele se empenhou vivamente junto dos poderes respectivos como o poderá dizer, entre outros, o sr. dr. Raul Gomes da Costa.

Mas sempre foi assim... e eu nunca tive a pretensão de endireitar o mundo.

Mario Monteiro, O Advogado

Vale Cavalos

a melhor agua de meza digestiva, muito eficaz para o bom funcionamento intestinal. Exijam-na em toda a parte. Pedidos pelo telefone 2951-N,

L. 1.º de Dezembro, 7

Para o frio uso o edredon
E para o calor bebo BEM-BOM

Manteiga finissima marca sem rival

Recebida directamente, em latas de 1, 1|2 e 5 quilos. Grandes descontos aos revendedores. A. de Brito L.da. Praça dos Restauradores, 13, 3.º, porta 87. Telefone N. 3300.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
FAZEM-SE DIVERSOS
FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

PÓ DE ARROZ
Laura Costa
Branqueia e aveluda
sem ser preciso créme
Rua Nova do Carvalho, 50, 2.º

A Cidade

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
De 1 ás 3 horas — Telef. Central 595
Residencia Telefone C. 2577

Chá das cinco

Heroicidade

Foeta, para mim, não é o artista do verso — é o creador de emoções, o revelador do que de mais vago e profundo existe na alma de nós todos. Muitas vezes sucede serem tambem poetas os artistas do verso — e eu não sou tão barbaramente instintivo que não exija para a sinceridade dum sentimento que se confessa uma fórma nobre e ritmicamente certa de expressão. Todavia, ha um tal sentido de heroicidade intima na palavra poeta que a diferença entre jorma e essencia desaparece — para só ficar poesia. E é este, sem duvida, um segundo divino misterio da Santissima Trindade.

Ora sendo poesia essencialmente vibração e sendo, por consequencia, poeta um revelador de emoções tanto mais sinceros quanto mais dependentes do instante que passa — «poesia de circumstancia», no dizer de Goethe — será admissivel que as poesias duma primeira edição sejam corrigidas em edições posteriores? Sou de opinião que os poetas não devem alterar «fundamentalmente» as suas obras — porque isso seria um desmentido da sua sinceridade. Poesia é confissão. As confissões só valem quando sinceras. Altera-los — é tirar-lhes todo o valor que possuem de documentação humana. Emendas simples de palavras? Um verso que se substitue? Uma construção pouco logica ferindo os ouvidos dos gramaticos? Nestes casos — é mais admissivel a correcção, posto que tambem não seja absolutamente legitima. E se não vejamos: se Antonio Nobre resuscitasse e se dispozesse a acertar todos os versos errados do «Só» manteria este todo o seu grande valor espiritual? Se Antero podesse enviar-nos do outro mundo uma edição corrigida dos seus sonetos, conservariam estes aquela heroicidade metafisica de pensamento que tanto nos perturba e apaixona?

Não — as alterações devem ficar para os artifices do verso, para os lapidarios da forma, para os parnasianos da arte pela arte. O sentimento brota como as flôres — é expontaneo e heroico como a Vida. Aperfeiçoa-lo — é artificialisa-lo. E os poetas são a negação do artificio — antes a afirmação superior do homem.

Alves Martins

DE LUTO

Joaquim Victorino da Silva

Faleceu hoje o sr. Joaquim Victorino da Silva, de 37 anos, empregado na Administração do Porto de Lisboa, irmão do sr. José Victorino da Silva, tipografo do «Diario de Lisboa». Deixa viuva a sr.ª D. Inácia da Piedade Silva. O funeral realisa-se ámanhã, da sua residencia, rua do Mirante (a Santa Clara), 11, 1.º, pelas 15 horas, para o cemiterio do Alto de S. João.

O «Diario de Lisboa» apresenta sentidos pesames a toda a familia enlutada, e em especial ao nosso companheiro de trabalho sr. José Victorino da Silva.

A QUESTÃO DE MOMENTO

Os defeitos
DO ENSINO
dos nossos liceus
e uma larga serie de irregularidades
que importa remediar

Um problema grave do momento: o ensino nos liceus.

Vai concluida a epoca dos exames, tortura periodica de quantos se dão, por necessidade ou por teimosia espiritual, á provação quasi inquisitorial dos programas, e demonstração segura do que valem, como inutilidade pratica, os sistemas e metodos da instrução secundaria em Portugal.

Pode classificar-se de habitual o côro de protestos que todos os anos por este tempo se levanta de extremo a extremo do país; seja porque os lesados se julgam victimas de erros alheios, seja porque, realmente, melhor se reconhece agora, em presença dos factos, a improficuidade do trabalho realisado. Desta feita, porém, excede todas as marcas do costumado chuveiro de reclamações que dia a dia nos chegam, e cuja sumula nos conduz a conclusões de todo o ponto lamentaveis.

Não vamos — claro está — dar curso, isolando-os uns dos outros, mesmo porque seria isso uma tarefa sem fim, a quantos informes possuimos sobre o caso, quer obtidos por observação directa, quer fornecidos por testemunhas de autoridade incontestavel. Mas, porque da analise dessas provas e desses factos resulta de maneira geral, e evidentissima, a convicção de que importa olhar de vez e a sério para o regimen em que vive o estudante português, e porque a questão, assim posta, tem por força que merecer a atenção cuidada do publico, aqui a estampamos á laia de prologo para investigação de maior tomo.

* * *

Antes de mais nada, fique esta afirmação que reputamos de certeza evidente: os programas liceais em vigor não podem nem devem subsistir. Condenados por anos sucessivos de pratica, a sua aplicação só se mantem, já agora, por uma teima incompreensivel de atrazo ou por um motivo indefensavel de preguiça. E, errado o principio, posto assim o sistema de ensino sobre uma base absolutamente insegura, tudo o mais tem de ser inseguro tambem, e, em consequencia, de um prejuizo permanente para os interesses, que nos cabe zelar, da colectividade.

Este facto é grave; mas ha outro mais grave ainda: é que, a par disto, os defeitos do regimen de ensino são acrescidos, com uma frequencia notavel, pela interpretação que certos professores dão ás disposições legais já de si contraproducentes e de efeitos dispersivos. No tocante a esse pormenor da questão, são de todos os dias os males que se praticam e se conhecem, e são cada vez mais numerosas as victimas que surgem a clamar por providencias.

O «modus faciendi» dos exames não é para muitos professores um exemplo que se recomende, como não é tambem de molde a eximir-se de censura a maneira como se interpretam os programas, vastos, presumidos, incoerentes, eriçados de arestas e extravasantes de defeitos.

* * *

Ha excepções de criterio? Ha. Seria injustiça imperdoavel não o reconhecer, mas nem por isso o mal se cura, nem por isso o erro se atenua. O Liceu Pedro Nunes, por exemplo, possue — temos de confessá-lo — uma atmosfera escolar que pode classificar-se, se não de explendida, pelo menos de elogiosamente recomendavel. Mas já, por exemplo tambem, no Gil Vicente, que fica no extremo oposto, as queixas e os protestos assumem, qualitativa e quantitativamente, proporções de gravidade.

Lá iremos. Trataremos o assunto com a superioridade de animo que a importancia exige. Por hoje fica apenas o prologo, que tambem serve para antepôr, como garantia da independencia que nos move, a certeza de que, nem sequer de vista conhecendo as pessoas a culpar, de modo algum podem envolver intuitos pessoais as referencias que, no decurso da reportagem, tenhamos de fazer aos seus nomes.

* * *

Dizem nos que no aludido liceu se têm dado e estão dando casos extranhos. Não falaremos deles por emquanto, porque precisamos de nos documentar com bôa segurança. Mas a verdade, desde já, é que esse estabelecimento de ensino está sendo alvejado com insistencia comprometedora pela critica escolar de Lisboa. Para exemplo, uma acusação que, sendo grave, é, relativamente, um caso minimo:

O aluno da sexta classe de Letras, José Coutinho Rato, viu-se na necessidade de reclamar, pelas vias legais, contra um professor, o sr. Herminio Taveira Sarmento. A reclamação foi amplamente fundamentada, e, não obstante, o sr. reitor e o sr. director de classe ou a abafaram ou a torpedearam. E daí, consequencia da indisciplina que anda sempre ligada a factos desta natureza.

Será verdade? Temos desde já bastos motivos para crêr que sim; mas... aguardemos; tanto mais que a procissão ainda agora vai a sair do templo.

Uma exoneração

Foi hoje á assinatura o decreto exonerando de comandante em chefe da esquadra de operações o contra-almirante sr. Macedo e Couto e nomeado para o substituir o capitão de mar e guerra sr. Jaime Afreixo.

Ministro da Guerra

O sr. ministro da Guerra parte no «sud-express» de ámanhã para Torres Novas, a fim de visitar a escola de equitação. O sr. general Vieira da Rocha é acompanhado pelos seus ajudantes e chefe de gabinete.

Rebuçados Peitorais Dr. Centazzi
Os melhores para a tosse, catarros e bronquites
Livres de essencias artificiais
Cuidado com as imitações
Pedir em toda a parte
Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados que, com o papel, imitam o nosso

A MARINHA MERCANTE

O DECRETO
N.º 11016
veiu pôr cada oficial
no seu lugar...

Falámos esta tarde com o sr. Manuel de Lima Alvares, oficial da Marinha Mercante, ex-capitão do vapor de pesca «Emilia» que naufragou em 1922 no Cabo Bojador e cuja tripulação esteve prisioneira durante 20 dias, tendo sido resgatada pelo governador do Forte do Rio do Ouro. Assunto: o decreto n.º 11016.

A conversa começou assim:

— O seu jornal afirmou que nos meios maritimos lavra um certo descontentamento pela publicação do decreto n.º 11016, 1.ª serie deste mês, que estabelece as cartas de categoria dos oficiais nauticos. Ora revolta-me que haja alguem na minha classe que esteja descontente com tal medida, porque o decreto só veiu fazer o seguinte:

«Pôr cada oficial no logar que lhe compete». A maldita empenhoca é que manda neste pobre país e então na minha classe é uma desgraça.

— A legislação anterior...

— Data de 1903 e para se ser oficial piloto da marinha mercante bastavam 2 anos de Escola Auxiliar de Marinha e 365 derrotas no alto mar em navios de vela e a vapor. Veio a guerra, a tomada dos navios á Alemanha, e, como os oficiais não chegassem, foi necessario fazerem-se mais, e então não lhe conto nada, de lá para cá, isto é, depois de terminada a guerra, houve anos em que na Escola Naval chegaram a fazer exame no fim do ano 150 alunos e mais. Isto provocou a enorme crise que actualmente nós, oficiais, atravessamos. Em 1914 fiz eu o meu exame final e concorremos, ao todo, uns 10 alunos. Compreende v. que a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante não fez mais do que trabalhar para debelar tal crise, e, então, foi junto do Ministro da Marinha e dos senhores deputados rogar-lhes a modificação do curso da Escola de Pilotagem e o estabelecimento das cartas de categoria. O sr. Ministro da Marinha, a quem a classe dos oficiais da Marinha Mercante já muito deve, achou realmente tão justa a petição dos oficiais que publicou a lei.

Um exemplo:

— Um oficial, tirava a sua carta hoje, e era um grande protegido da... sorte e o armador dava-lhe o logar de Imediato, outro oficial que tinha a sua carta há 4 ou 5 anos e que já estava batido bem no mar ia para 2.º oficial ou mesmo 3.º; isto é: ia ser subordinado dum oficial que ele já tinha naturalmente ensinado a pegar no sextante e mais alguma coisa que lá se aprende e que não é a escola que ensina, porque não pode.

— Nesse caso...

— A lei está muito bem; assim ela seja cumprida rigorosamente, como é justo que o seja. A lei foi boa para os oficiais e para os armadores porque estes já não se veem coagidos a fazer injustiças. Tenham os meus ilustres colegas mais novos paciencia, eu faço justiça a alguns que eu conheço que são distintos oficiais e de cujas aptidões muito há a esperar. Mas é justo que eles compreendam que se deve dar o direito a quem o tem. Sabem bem os meus distintos colegas que a Nautica aprendemo-la na Escola, mas a navegar só aprendemos no mar com muitos anos, e com os bons capitães que nós felizmente temos. E sabem tambem bem quantos sacrificios não passamos para aprendermos aquela rotina...

A II Festa do Fado
Já estão á venda os bilhetes, que restam, para este grandioso espectaculo na
— Casa Damião —
CHIADO

Teatro Salão Foz
LES LEWANDOWSKI
MANOLITA ROSALES
ALEXANDRE DE AZEVEDO
AMELIA PERRY
2 Novos quadros 2

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE · A'S 8 3|4 · HOJE
Filho de rei
Uma ciné-farça — Uma cine-comedia
Uma revista de actualidades

A POLITICA DA TARDE

O CONFLITO de ontem e o que se vae fazer pelas estradas

Vai alta a maré dos insultos e dos improperios entre republicanos. Mau é que assim aconteça, mas ha que registar o facto para salientar o que ontem se passou no Centro Almirante Reis.

Houve socos, bengaladas e tiros. Pessimo sintoma é este, tanto mais que já ontem á noite, depois do conflito, se garantia de parte a parte que o ajuste de contas se faria na proxima assembleia para liquidação de capital e juros. Estamos completamente á margem desse conflito partidario, mas não podemos deixar de lastimar o facto que póde, agravando-se, transtornar os patrioticos planos do actual governo e entravar a marcha de medidas que o Paiz deseja que se ponham imediatamente no primeiro plano das obras a realisar.

Constava hoje, e não podemos controlar a informação, que o sr. Presidente da Republica, ao ter conhecimento dos tristes incidentes do Centro Almirante Reis, se mostrara muito aborrecido com o facto, e mais uma vez declarou que se as duas correntes do P. R. P. não chegassem a um acordo, ele não continuaria á frente da Nação, visto não ver possibilidade de se manter com o seu governo num plano absolutamente constitucional.

* * *

Referindo-nos á obra do governo, punhamos nós, ontem, em foco alguns actos já encetados por varios ministerios. As necessidades de espaço e as exigencias da paginação forçaram-nos a cortar a parte que ao ministerio do Comercio dizia respeito.

Afirmavamos nós, e faziamo-lo com justa satisfação, que, o ilustre ministro do Comercio não perde um minuto da sua actividade, e tendo chamado a si todos os processos existentes no seu ministerio, está tratando de lhes dar a devida e urgente solução. Um outro problema, e este dos mais instantes, preocupa o sr. dr. Nuno Simões: o problema das estradas. Foi pena que o Parlamento lhe não tivesse aprovado os indispensaveis meios de vida orçamental para os inicios dos trabalhos mais urgentes. Seja, porém, como fôr, o sr. ministro do Comercio, irá, por certo, buscar a antigas autorisações o indispensavel para que a vida do Paiz não sofra as consequencias das birras parlamentares.

* * *

Aumenta dia a dia o interesse pelo acto eleitoral. Os calculos sobre candidatos avolumam-se e citam-se nomes como certos.

Por Ponta Delgada, por onde o sr. Jaime de Sousa tem a sua candidatura garantida, virá desta feita um nome novo, se bem que antigo deputado, o sr. Augusto Rebelo Arruda; e por Angra, dá-se como certo para senador o antigo parlamentar sr. Aragão e Brito. Uma outra candidatura assegurada é a do antigo deputado que foi chefe de gabinete do malogrado dr. Antonio Granjo, sr. capitão Julio Cruz, que ainda não ha muito foi governador civil de Aveiro, com geral agrado.

* * *

Alguns nomes de novos candidatos com possibilidades de triunfo: dr. João Carrington, que foi governador civil de Braga; Joaquim Domingues, que foi governador civil de Coimbra; João Pedro dos Santos, ex-director da P. S. E.; dr. Faria de Vasconcelos, que é um dos nossos mais eruditos professores; Nicolau de Mesquita, actual governador civil de Vila Real; Carlos Rates, ilustre publicista e nosso camarada no jornalismo. Tudo gente nova, viva, inteligente e que á causa da Republica tem dado o melhor da sua mocidade.

Agressão a tiro

Apesar das diligencias empregadas pelo agente Delgado, ainda não foi preso o pedreiro João Lopes de Sousa, que agrediu a tiro, na rua Garcia da Horta, o sapateiro Augusto de Matos.

300 ANOS DE JORNALISMO

O terceiro CENTENARIO da nossa imprensa deve ser comemorado dignamente por todos os jornais

A Imprensa Portuguesa vai comemorar, no proximo ano, o terceiro centenario da publicação do primeiro periodico que saiu dos prelos portugueses.

Em torno dessa ideia, começam agora a surgir alvitres que os promotores do centenario devem ler com atenção, para que a Festa da Impressa resulte um acontecimento brilhante, não só debaixo do seu aspecto comemorativo, mas tambem como elemento dignificador da profissão.

Não é a altura de se fazer a historia da Imprensa periodica em Portugal. De resto, ela está feita.

Além dos elementos de informação que constam de varios dicionarios e publicações da especialidade, o velho e ilustre jornalista sr. dr. Alfredo da Cunha, antigo director do *Diario de Noticias*, apresentou ao 5.º Congresso Internacional da Imprensa uma memoria a muitos titulos interessante, onde se faz rigorosamente a biografia de Sua Majestade a Imprensa — desde as primeiras origens até aos nossos dias.

O ilustre jornalista, conforme disse hoje a um redactor do *Diario de Lisboa*, é de opinião que o periodico que se deve considerar como avô dos jornais portugueses é a *Gazeta*, de 1641, que era mensal e já nesse tempo estava sujeita á censura regia.

No entanto, se a *Gazeta* foi o avô, a primeira *Relação* publicada em Lisboa foi, sem duvida, o bisavô dos actuais orgãos de informação.

E como ela foi impressa, pela primeira vez — porque anteriormente existia manuscrita — no mês de setembro de 1626, é nessa data que se deve comemorar o terceiro centenario da Imprensa.

Mais tarde, vem o *Mercurio Português*, que dava mensalmente uma relação das *cousas dignas de saberem-se*.

E só em 1809, no dia 1 de julho, a imprensa se tornou diaria em Portugal, pela publicação da *Gazeta de Lisboa*, com a sua relação quotidiana e desenvolvida das coisas que convem saber.

A titulo de curiosidade, reproduzimos algumas noticias publicadas pela *Gazeta* e que se aproximam, em grande parte, do noticiario de hoje, embora sem aquele desenvolvimento e copia de pormenores que o publico exige nos jornais modernos.

Necrologia. **— «Morreu o padre Diogo de Hereda; aquele raro pregador da Companhia: causou geral sentimento a sua morte pelo muito que perderam os pulpitos de Portugal».**

Diario Mundano: **— «O conde da Castanheira, o conde de Val de Rey e Gôçalo Pires de Carvalho estão já em suas casas». (Era assim que um ilustre ante-passado do Vasconcelos e Sá redigia as suas notas mundanas).**

Desastres: **— «Quasi todo este mez ventou, choveu e nevou, e fez muito dano a tempestade. Cairam no bairro de S. Paulo duas casas, donde morreram duas pessoas: arruinou-se o recolhimento de S. Cristovão, e as orfãns se mudaram para uma casa junto á egreja de S. Vicente. Cresceu a agua da chuva de maneira, que na rua dos Canos se afogou um homem, e morto veiu pelo cano real sair ao Terreiro do Paço. Junto ao baluarte da carreira dos cavalos caiu hum rayo.»**

Fenomeno. **— «Na comarca de Miranda falou um minino mudo, e disse: *Viva el rey Dom Juam IV*. Isto se sabe de certo, e agora se está fazendo hum instrumêto de testemunhas por ordem da Sé de Miranda.»**

Doação: **— «Fez el Rey nosso Senhor mercê a hu bisneto do Bandarra de hua capela com que se pode sustentar sufficientemente».**

E assim por diante. Não é sem emoção que nós, os jornalistas de hoje, lemos essas noticias laconicas que fôram a semente da grande reportagem moderna, do artigo, da cronica, do suelto, de *compte-rendu* de sessão.

* * *

Qual será a melhor maneira de comemorar o terceiro centenario da Imprensa? Não nos cabe apresentar, neste momento, um programa, mas simplesmente indicar alguns alvitres.

O sr. dr. Alfredo da Cunha entende — e muito bem — que se prestava um grande serviço ao jornalismo publicando em volume as *Relações* que constam do Codice existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, como o sr. dr. Leite de Vasconcelos em tempos propôs á Academia e esta até hoje ainda não realisou.

Alem deste alvitre, que nos parece interessante, seria muito util fazer-se uma exposição de jornais desde o tempo das primeiras *Relações* até aos nossos dias;

Outra de maquinaria de impressão e processos de composição que abrangesse os antigos prelos portugueses e as grandes rotativas modernas. E' claro que na impossibilidade de se deslocarem as grandes «leviathans» da impressão, a exposição teria que ser feita nas proprias oficinas do jornal que tomasse sobre si o encargo;

Um espectaculo em que se representasse uma peça musicada, que podia focar alguns dos aspectos mais interessantes da vida jornalistica, em beneficio das associações de Imprensa; conferencias feitas por jornalistas sobre os problemas que mais directamente interessam á nossa profissão e outros de interesse geral, etc., etc.

A ideia está lançada e, segundo depreendemos, é uma ideia em marcha. Oxalá que os entusiasmos da primeira hora não esfriem e todos os jornalistas compreendam a importancia e o significado moral da comemoração que se prepara.

Flotilha ligeira

O sr. ministro da Marinha, foi hoje a Vila Franca de Xira, acompanhado do capitão de fragata sr. Filipe de Carvalho e dos seus ajudantes, visitar de novo os barcos destinados á base de Flotilha Ligeira.

AUERAN
(Auerhahn)
Genero GILLETTE
A MELHOR LAMINA PARA MAQUINA DE BARBEAR
AUERAN é a verdadeira rival da GILLETTE
PREÇO DO PACOTE COM 10 LAMINAS 10$00
UNICAMENTE á venda na Cutelaria Polycarpo, Rua de S. Nicolau, 27 a 31

Pelos teatros

Alice Ogando

A interessante actriz Alice Ogando, que se estreou junto de Eduardo Brazão e de José Ricardo, no Teatro Apolo, e depois de ter feito parte da Companhia Matos e obtido nas ilhas o exito mais prometedor, creou na

ALICE OGANDO

revista «A Cidade onde a gente se aborrece», de André Brun, varios papeis que a critica destacava. No «Sonho côr de rosa» e na «Fantasia» mostrou-se uma «diseuse» de rara expressão e soube dar á «Esteta» toda a ironia e intenção caricatural. Culta e inteligente, pertence-lhe no teatro um logar que em breve atingirá.

Teatro S. Luís

Têm causado grande entusiasmo os combátes femininos de luta greco-romana da «troupe» internacional que todas as noites enche o S. Luis. Hoje lutam «Liduina» (egypcia) contra «Jeannette» (italo-franceza) e Ioda (grega) contra Faurine (belga). Este combate é desforra do combate de ante-ontem; «Eamêa» (piemonteza) contra «Odette» (suissa) e «Liduina» (egypcia) contra «Dionora» (espanhola).

Hoje estreia-se a gentil cantadora Eumea Goranzini, que é tambem uma notavel cancionista em canções piemontezas e modernas cançonetas de fantasia com elegantes «toilettes» e efeitos de luz. O espectaculo é completado com a cupletista Marina Sierra e a bailarina Maribel.

Atrás do reposteiro

Além das peças francesas «Les nouveaux messieurs», «Le prince Jean» e «Le monsieur de cinc heurs», a companhia Lucilia Simões-Erico Braga inclulu tambem no seu reportorio da futura época de inverno o original português do nosso querido camarada de redacção Norberto Lopes, que se intitula «Mulher-amante».

— Numa das primeiras operetas a subir á scena no Teatro da Trindade estrear-se-ha como tenor o dramaturgo Luna de Oliveira.

— Amelia Rey Colaço está estudando em Colares, onde se encontra descançando, a peça «L'alba, il giorno e la notte», de Nicodemi, tradução de Augusto Gil, que será representada com o titulo «A madrugada, o dia e a noite».

— A distribuição do «Conde de Monte Cristo», peça com que a companhia Ilda Stichini-Rafael Marques inicia os seus espectaculos, no dia 27, no teatro Apolo, é a seguinte: Ilda Stichini, condessa Marcel; Albertina de Oliveira, mademoiselle Morel; Rafael Marques, conde de Monte Cristo; Joaquim de Oliveira, abade Faria; Carlos Abreu, Danglars; José Henriques, conde Chateau Blung; Octavio Bramão, Fernando Marcel.

— «Uma mulher que não mente» é o titulo da peça de Ricardo del Toro e André de la Pladé, que Carlos Ferreira e Esculapio traduziram e que será uma das primeiras que a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho levará á scena ainda no mês de setembro. Os papeis principais são desempenhados pelas actrizes Maria Pistana e Laida de Vasconcelos.

— Os papeis de «Java-Francesa», «D. Revista» e «Boneca», no novo quadro «Compadres & Comadres», que vai ampliar a revista «Rataplan», do teatro Maria Vitoria, serão desempenhados, respectivamente, por Laura Costa, Luisa Durão e Maria Alves.

— Realisa-se amanhã, pelas quinze horas, uma sessão solene na séde da Associação de Classe dos Trabalhadores do Teatro, para comemorar o 8.º aniversario da sua fundação. Foram convidados para assistir a esta solenidade o ministro da Instrução, o inspector geral dos teatros e o governador civil.

Teatro São Luiz

Empresa Vasconcellos, Lda.

HOJE — SABADO

ás 9 3|4 da noite

Grande acontecimento Artistico e Desportivo

3.ª apresentação das lutadoras internacionais

sob a direcção de

NELLY JEANNETTE

Troupe mundial feminina de luta Greco-Romana

Programma do combate de hoje

1.ª PARTE — **Liduina** (Egipcia) contra **Jeannette** (Italo-franceza) e **Vada** (Grega) contra **Faurine** (Belga). Este combate é a desforra do emocionante combate de ante-ontem, que tão grande entusiasmo causou.

2.ª PARTE — **Edméa** (Piemontesa) contra **Odette** (Suissa) e **Liduina** (Egipcia) contra **Dianora** (Espanhola).

ESTREIA SENSACIONAL

da gentil lutadora

EDMÉA GARANZINI

que é tambem uma notavel cancionista das canções picarescas e modernas cançonetas de fantasia com elegantissimos trajos e bellos efeitos de luz

O resto do espectaculo é preenchido pela distincta bailarina

Marina Sierra

e pela notavel coupletista

MARIBEL

A'manhã — **Unico** Domingo em que toma parte a troupe feminina de lutadoras — Programa sensacional de luta greco-romana.

Preços populares — Camarotes desde 25$00. Lugares desde 2$00. Impostos a cargo do publico.

Cabellos Brancos

A AGUA DE LYZ é um novo produto para tingir os cabellos em preto, castanho escuro e claro, deixando-os ficar sedosos e macios. E' absolutamente inofensivo por não ser composto de ingredientes nocivos á vida dos cabellos. Garante-se o resultado e indemniza-se o comprador quando aplicando a **AGUA DE LYZ**, ela não satisfaça ao fim desejado. A' venda nas boas drogarias e perfumarias ao preço de 20$00, pelo correio 22$50. Pedidos a **Magalhães & Magalhães**, Rua Ferreira Borges, 5 e 9. Deposito no Porto: Lourenço Ferreira Dias—Rua das Flores, 157.

PARTEIRA

Judite Silva

Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º

CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa.

Caminhos de Ferro do Estado

Concurso para a adjudicação da reparação e modificação de duas locomotivas

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 29 do proximo mês de Outubro, pelas 13 horas, perante a direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da reparação e modificação das locomotivas n.os 39 e 40, pertencentes á mesma Direcção.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Geraes, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 23 de Agosto de 1925.

O engenheiro chefe do serviço de Armazens Geraes
Julio José dos Santos.

MOBILIAS

Boa construcção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

Colegio de Portugal

Palacio Castelo Melhor TELEF. CRUZ QUEBRADA, 17

DAFUNDO

Está aberta a inscrição de alunos, para o ano escolar de 1925-1926, neste acreditado estabelecimento de educação e ensino que, em três anos de funcionamento, conquistou um dos primeiros logares entre os melhores estabelecimentos congeneres do país.

Aceitam-se alunos internos, semi-internos e externos para os cursos dos Liceus, Comercial e Instrução Primaria.

Pedir esclarecimentos aos directores:

Dr. Arthur de Sousa Carvalho (Ervideira).
Dr. Cipriano Nunes Barata.
Conego José d'Almeida Correia.

ABERTURA DA CAÇA

A CASA A. M. SILVA

Acaba de receber um colossal sortido de espingardas dos melhores fabricantes da Belgica, França, Inglaterra e Alemanha que vende aos melhores preços do mercado, assim como cartuchos carregados e vazios de diferentes marcas e calibres. Buchas em feltro e cartão, polvoras negras e piroxiladas, Pistolas revolvers, munições e todos os apetrechos para caçadores.

Rua da Betesga, 67 e Rua dos Correeiros, 235, 237 e 239 (á P. Figueira)

TELEFONE 4178 N.

MANTEIGAS FINISSIMAS

De Paredes de Coura, Viana do Castelo, Madeira e Açores, kilo 24$00, 22$00 e 20$00.

Queijo da Ilha de S. Jorge, quilo 10$00.

Caixinhas de Gruyere Tigre, 9$00 e 8$00,

Grande sortido de Queijos Nacionais e Estrangeiros. Desconto aos revendedores. Distribuição aos domicilios. Pedidos pelo telefone 988 C. Expedição para toda a parte do pais.

Nova Casa das Manteigas — **RUA DA PRATA, N.º 88 a 90.** Unica casa especial d'estes artigos.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DIVISÃO DE MATERIAL E TRACÇÃO

Concurso para a venda de 2.000 costaneiras de pinho

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas até ao dia 29 de Agosto corrente para a compra de 2.000 costaneiras de pinho.

As condições para este concurso estão patentes na Repartição dos Armazens da divisão do Material e Tracção (Estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 horas ás 13 e das 15 ás 17.

Lisboa, 18 de Agosto de 1925.

O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

DIVISÃO DE MATERIAL E TRACÇÃO

Concurso para venda de serradura

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita, até ao dia 29 de Agosto corrente, propostas para a compra de serradura produzida pelas suas oficinas.

As condições para este concurso estão patentes na repartição dos Armazens da Divisão do Material e Tracção todos os dias uteis das 10 horas ás 13 e das 15 ás 17.

Lisboa, 18 de Agosto de 1925.

O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita

Polliteama Empr. Luiz Pereira — Telef. 3028 N.

HOJE, ás 21-30 em ponto

O LEAO DA ESTRELA

Protogonista, CHABY PINHEIRO

Extraordinario exito de gargalhada

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

Hoje ás 21-30 Hoje

A CIDADE

ONDE A GENTE SE ABORRECE

TEATRO MARIA VITORIA TELEF. N. 3644

HOJE ás 8-30 e 10-30

RATAPLAN!

Formidavel sucesso do quadro novo

O BICHO DA SERRA DE SINTRA

The Match And Tobacco Timber Supply C.º

Dividendo do Exercicio de 1924

Coupon n.º 1

São avisados os srs. Accionistas de que o pagamento deste dividendo, na importancia liquida de Esc. 6$40 (seis escudos e quarenta centavos) por acção, será efectuado desde 24 a 28 do corrente, como segue:

Em Lisboa — Na sede da Companhia, rua de S. Julião, 139, das 14 ás 16 horas.

No Porto — Na filial do Banco Lisboa & Açores, Avenida dos Aliados, 44, das 11 ás 14 horas; na filial do Banco Nacional Ultramarino, Praça da Liberdade, 138, das 10 ás 12 e das 13.1/2 ás 15 horas.

Em Paris — No Comptoir National d'Escompte de Paris e em casa dos srs. De Neuflize & C.ie, 31, rua Lafayette.

As formulas necessarias são fornecidas nos locais acima indicados.

Passado o praso acima referido, continua o pagamento ás quartas feiras, ás mesmas horas.

AVISO — A entrega das acções da emissão de 1924 continua a fazer-se na 1.ª sexta-feira de cada mês, contra os Recibos provisorios e nos termos do anuncio de 9 do corrente.

Lisboa, 20 de Agosto de 1925.

OS ADMINISTRADORES

as) *Dr. João Ulrich*
D. Luis de Lancastre

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ BLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATHENA 36 a 40—(Predio Novo)

TEL. C. 3082

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — **RUA DO OURO, 18, 24**

PORTO — **PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29**

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

BARRACAS

PARA CAMPO E PRAIA

Mesas—Fauteuils—Cadeiras—Bancos—Lonas em padrões de novidade

RUA 24 DE JULHO, 8 :::::::::::::::: TELEF. C. 1601

TOLDOS

Dr. Thomé de Lacerda
Regressou de Paris e retomou a clinica
Doenças de estomago, intestinos e figado
CLINICA GERAL
R. 1.º de Dezembro, 101, 2.º - Tel. 3009 N.

ESTRANGEIRO

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A, r/c.
PORTO: — Rua do Almada, 287, 1.º.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES INCLUINDO DESASTRES NO TRABALHO E RESPONSABILIDADE CIVIL

BRAZIL

A MORTE de Irineu Marinho foi devida a uma congestão

RIO DE JANEIRO, 22

O falecimento de Irineu Marinho causou funda consternação em todos os meios brasileiros. O grande jornalista morreu repentinamente, em resultado de uma congestão, quando se banhava.

No Senado, na Camara dos Deputados e no Conselho Municipal foram aprovados votos de fundo pesar pelo lutuoso acontecimento, havendo varios oradores feito o elogio do ilustre extinto.

O corpo foi conduzido para a redacção de «O Globo», da qual uma das salas foi transformada em camara ardente.

A imprensa publica extensos artigos ácerca da personalidade de Irineu Marinho, lamentando sentidamente o seu desaparecimento.

De toda a parte chegam manifestações de pesar.

O funeral que se realisa hoje ainda, será imponentissimo. — (A.)

O candidato
á presidencia do Estado de Minas Geraes

RIO DE JANEIRO, 22

O Partido Republicano de Minas Geraes escolheu definitivamente o senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada para candidato á Presidencia do Estado. Como se sabe, o mandato do dr. Melo Viana, que foi eleito até ao fim do periodo iniciado pelo falecido estadista Raul Soares, está prestes a terminar. O novo quadrienio começa em 1926.

O senador Antonio Carlos é uma grande figura brasileira, tendo-se imposto como parlamentar, como orador, como homem de letras, como diplomata e como financeiro. — (A.)

O Brasil
nas festas do Uruguay

RIO DE JANEIRO, 22

A bordo do «Pará» partiu para Montevideu a embaixada que vai representar o Brasil nas festas do centenario da Independencia do Uruguay, embaixada que é constituida pelo senador general Lauro Muller, ex-ministro dos Estrangeiros, que preside; e pelos deputados Lindolfo Collor e Valadares, pelo general Rondon, pelo almirante Noronha Santos e pelos drs. Artur Bernardes Filho e Lauro Muller Filho. — (A.)

A POMPADOUR
ESPARTILHOS

ESPARTILHOS
A POMPADOUR

AS DIVIDAS INTER-ALIADAS

Os ingleses ESPERAM de Caillaux

uma proposta de «gentleman» ...

O problema das dividas inter-aliadas continua a ser a preocupação dos governos da Europa e dos Estados Unidos.

De Londres chegam-nos sobre o caso as seguintes informações:

A Agencia Reuter julga saber que Caillaux chegará a Londres, amanhã, domingo, e que as conversas sobre a consolidação da dívida francesa começarão depois de amanhã. Winston Churchill, que está agora no campo, virá a Londres para se encontrar com Caillaux.

Segundo o *Daily News*, a duração da visita de Caillaux a Londres dependerá do seguimento das negociações a que darão logar as propostas que o ministro francês apresentará a Churchill. Caillaux — diz o mesmo jornal — espera poder voltar a Paris dentro de oito dias. Quanto aos peritos que o acompanharão, é provavel que a sua estada na capital inglesa se prolongará até depois dessa data, porque se os dois ministros chegarem a um acôrdo sobre os pontos principais, os peritos franceses ficarão em Londres, para combinar os detalhes com os peritos do tesouro inglês.

Os jornais ingleses discutem já as condições possiveis de um regulamento da divida franceza á Inglaterra.

O «Financial Times» escreve:

«A oferta francesa de que se fala, equivalente a um pagamento de cêrca de 1 1|3 por cento da importancia da divida, é insuficiente. A Inglaterra está esmagada por impostos muito pesados, que são, em grande parte, uma causa de «chômage». Por outro lado, a França está florescente, em parte como consequencia do facto dos seus contribuintes se escaparem ao fardo das dividas inter-aliadas. Nota-se igualmente que, ainda que a França seja muito pobre para pagar juros á Gran-Bretanha e á America, ela não está tão pobre que não possa emprestar dinheiro aos seus novos aliados da Europa oriental, manter um exercito caro e fazer a guerra aos riffenhos.

Se a França praticasse realmente a politica de economias que ela prega, poderia pagar as suas dívidas sem dificuldades, seja qual fôr o produto das reparações alemãs. Nós não temos o desejo de lhe impor um fardo que poderia comprometer a sua restauração, mas pensamos que, em vez de se lançar em despesas, poderia deixar-se disso e deveria pagar as suas dividas. Com uma balança comercial favoravel e a ausencia de «chômage», está melhor colocada do que nós para pagar as suas dividas, e o sr. Caillaux, quando vier a Londres, deverá convencer-se de que já é tempo de se passar á execução. No caso contrario, os contribuintes britanicos estarão muito pouco dispostos a sancionar um pacto que lhes imponha pesados encargos, sem vantagens correspondentes.»

* * *

O «Times» tira egualmente argumentos das estatisticas do comercio exterior da França e do excedente das exportações para reclamar um regulamento da divida francesa:

«Tudo tende a indicar a prosperidade do comercio francês: a producção do carvão, de metais e de aço aumentou 150 % sobre as cifras de antes da guerra. Por outro lado calcula-se que os turistas estrangeiros dão á França cerca de 100 milhões de libras por ano; mesmo que esta cifra fosse de 60 milhões de libras por ano, a França receberia desta maneira cerca de 35 milhões de libras, o que elevaria o excedente das exportações sobre as importações a 65 milhões de libras.

A parte francesa das reparações alemãs eleva-se actualmente a 20 milhões de libras por ano, e se as anuidades do plano Dawes forem integralmente pagas, receberá 50 milhões de libras».

* * *

O «Daily News» afirma, ironicamente, que o povo inglês espera de Caillaux «uma proposta de «gentleman»...

MARROCOS

O ATAQUE á ilha de Alhucemas pelos mouros causou 20 baixas

MADRID, 22

Dizem de Marrocos que os rifenhos atacaram a ilha de Alhucemas, na baía do mesmo nome, com fogo de infantaria, metralhadoras e artilharia, tendo causado 20 baixas.

Para a baía foram enviados varios navios de guerra, afim de defenderem a ilha de futuros ataques. — (L.)

A opinião
do marechal Petain

MARSELHA, 22

O marechal Petain, antes da sua partida para Marrocos, limitou-se a dizer aos jornalistas: «Depois das declarações do sr. Painleve, nada tenho a acrescentar senão que volto para Marrocos com as directivas precisas, que permitirão ás nossas tropas obter um sucesso definitivo e proximo». Dentro de alguns dias, Madame Petain encontrar-se-ha com o marechal em Casablanca. (H.)

TANGER, 22

Os chefes indigenas convocados para Adjir regressaram ás suas tribus.

Contingentes de rifenhos chegaram a Xexuão e Quedlau, cujas posições foram fortemente reforçadas, na previsão dum proximo ataque. — (L.)

PARIS, 22

Abd-el-Krim enviou uma carta ao parlamento francês reclamando o reconhecimento dos direitos de nacionalidade do Riff e a sua completa independencia, para o desenvolvimento dos recursos do país. — (L.)

RABAT, 22

O marechal Lyautey expoz ao sultão o exito das recentes ofensivas francesas.

O sultão declarou-se particularmente satisfeito com a submissão dos tsouls. — (L.)

Vitraux **PAPEIS PINTADOS** Cretones
O mais completo sortido em
Quantidade — Gosto — Variedade
Aos melhores preços
A. C. de Sousa, L.da — Restauradores, 19
Telefone N-5167 — LISBOA — Telegramas — Fabripapel

RESTAURANT
«SOLAR DA ALEGRIA»
A casa preferida pela nossa melhor sociedade.
Jantares a 13$00
Esmerado serviço á carta
Aberto toda a noite

Os bebés em alto som
Já pedem ás mães BEM-BOM

EXCURSÃO a PARIS E BRUXELAS
Partida a 2 de Setembro, 6 dias em Paris e 3 em Bruxelas, 2.ª classe em comboio rapido com todas as despezas pagas.
Preço 2:250$00
Inscrição, informações e programas na
Alfaiataria Arcada de Londres
R. dos Fanqueiros, 302-304.

HUMAGSOLAN
O ALIMENTO DOS CABELOS
Não é um produto vulgar mas um preparado scientifico, descoberto pelo professor Zuntz, um grande sabio alemão.
A calvicie é um sintoma de que faltam ao cabelo as suas substancias nutritivas em resultado de doenças ou por fraqueza organica.
HUMAGSOLAN
O ALIMENTO DOS CABELOS
introduz no organismo sem perturbações digestivas, as proteinas e outros alimentos que faltam ao cabelo fraco.
A venda nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23 — LISBOA — Telef. 1186 C.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

AO DEUS DARÁ

Os rapazitos que vieram de Angola ainda se encontram sem saber do seu destino

Porque será que Deus não poupa, nos seus designios, a inocencia dos pequeninos? — nossa razão é limitada; não chega a inteligencia humana para penetrar, por muito que perscrute, o misterio tentador da vida; e deve ser por isso, talvez, que a gente se resigna ao sofrimento, até mesmo quando julguemos tocado de injustiça, até mesmo quando apetece clamar, numa indignação grande, a vingança de um protesto que a Theologia veda á consciencia de todos os crentes...

Ontem, um vapor vindo de Angola, trouxe para Lisboa duas criancinhas sem pai nem mãe. A Alfandega não pôz entraves ao desembarque, e a Policia levou as presas... por dó, porque não havia outra solução imediata para o inesperado da sua maldade.

Os pequeninos choraram, aterrados com a perspectiva de mais algum tormento que os homens se tivessem lembrado de inventar para o «delicto» da sua orfandade sem culpa; houve quem soubesse chorar com eles a desgraça do abandono em que os viam; e, emquanto não se «despachavam os papeis», os pobrezinhos foram andando, foram andando sempre, até os deixarem os políticos numa sala do Governo Civil, hospedes daquela estalagem sem comodos que é o paradeiro tragico de quantos, por desespero ou por prazer de infamia, se alistam, por aí, na legião sinistra do crime.

Pela primeira vez — que o tenhamos visto — tornou-se a severidade da Justiça, á vista daquele quadro sem igual, em designio de bondade, em modelo de ternura, em realisação formosissima de carinho.

E' que os dois pequeninos não têm pai nem mãe, porque a morte lh'os roubou um dia quando andavam brincando a sua inocencia lá num logarejo distante da terra africana.

—Como te chamas?

—Eu cá, sou José.

—E teu irmão?

—E' Carlos.

—Teu pai,

—Meu pai chamava se «paisinho».

—Lembras-te da tua mãe?

Desatou a chorar, o inocentinho, ao evocar-se-lhe aquele grande amor que para sempre se perdeu.

—Lembro, sim, senhor. Ela até me pediu quando estava a chorar, que nunca me esquecesse dela...

—Como se chamava?

—A gente chamava lhe mãesinha... Uma vez até...

—Conta; conta lá como foi...

—Ela estava na cama. Estava a chorar por causa da «bliosa» e por causa do paisinho...

—Tinha ralhado com ela?

—Ele nunca ralhava. As senhoras disseram que ele tinha morrido, mas eu cá não sei, porque nunca mais o vi...

—E depois? E depois, como foi?

—Depois, a mãesinha esteve a chorar muito, e a dar muitos beijinhos á gente, e a beijar «tamem» o «Jasus»... e a gente «fomos» brincar com a menina para ela ter tempo de morrer...

—Nunca mais a viste...?

—Não, senhor. Os homens levaram-na p'ro cemiterio; mas eu fui lá uma vez e não a achei em banda nenhuma.

—E agora?

—Agora, estamos aqui... retorquiu o inocente com mais perspicacia que todos os homens das entrevistas, quando procuram manhas para se escamilirem ao embaraço duma resposta.

—E daqui para onde queres ir?

—Não sei. Queria ir ver a feira. Já tenho fato novo que me deu o sr. Comissario...

—Apetece te brincar?

—A gente só brincava com a menina e com o paisinho. Os outros homens não sabem brincar com a gente...

—Porquê?

—Não sei. Ele... era doutra maneira...

POLITICA PARTIDARIA

"O Directorio do P. R. P. ha de acabar por ter de irradiar todo o partido e ficar inteiramente abandonado na Agua da Flor...,,

afirma-nos

Pestana Junior

A politica anda em ferias, nestes dias que antigamente eram de sol e moscas e que hoje não se sabe bem de que são, tal é a instabilidade do tempo—só comparavel á instabilidade dos nossos ministerios.

Mês de Agosto fóra, fechado o palratorio de S. Bento, Lisboa é uma enorme maçada e os politicos decidem-se, com sprazimento das gentes, a ir—tomar banho... Trocados os fraques protocolares, por fatos leves como as cabeças de certos literatos, jornais estrangeiros debaixo do braço—quando mais não seja para dar o tom—sapatos claros e um ar cançado que é uma mascara de distinção para o vulgo, é vê-los por essas praias e termas, criando rodas de curiosos que lhes bebem as palavras, as intrigas, a maledicencia, e, por vezes, os projectos, desenhados na relva ou na areia com a ponta da bengala...

* * *

Quasi todos os politicos estão realmente, nesta época, nas praias e termas. Mas nem todos—honra seja ás excepções—estão nas condições a que nos referimos. Com mais ou menos defeitos, ha, em todos os partidos, pessoas que marcam, pelo seu caracter, pela sua inteligencia, ou pela sua envergadura de estadistas. Esses estão, naturalmente, exceptuados do que acima dizemos sobre a maioria...

* * *

A' Curia chegou ante-ontem á noite o sr. dr. Pestana Junior. Estavamos no «hall» do «Palace» quando ele entrou. E já não o largámos. Mas o director das cadeias civis vinha fatigado—fatigado das cangoeiras que lhe dão os presos—e principalmente os que andam á solta...

Ontem, ofereceu-se-nos uma excelente oportunidade, com a publicação da noticia da irradiação do «Mundo» e do seu director das fileiras do P. R. P.

O sr. dr. Pestana Junior é, como se sabe, um dos «irradiados» mais prestigiosos. E' mesmo um dos chefes da Esquerda Democratica. Parlamentar distiato, membro do anterior Directorio do P. R. P. e antigo Ministro das Finanças, que não se resignou a assinar só o expediente durante a sua passagem pelo governo, o actual director das cadeias é tambem um conversador scintilante. Ontem, porém, estava pouco para conversas:

—Vim para aqui descansar, ganhar forças para voltar á lucta com mais ardor ainda—respondeu-nos ele, no terraço do «Palace», enquanto o olhar seguia o fumo do seu eterno charuto...

—Já viu a noticia da irradiação d'«O Mundo?»

—Ainda não.

—E o que me diz a ela?

—O mesmo que ás outras, O Directorio continua a brincar com o Partido...

—O numero dos «irradiados» vai crescendo...

—E sem nos dar trabalho nenhum. O Directorio encarrega-se disso...

—Têm recebido muitas adesões?

—De toda a parte. Brevemente publicaremos as listas—para dar que fazer ao Directorio. Destas irradiações em massa é que nós queremos vêr...

E voltando-se para alguns amigos—e correligionarios—que o acompanhavam—no passeio e nas ideias:

—O Directorio—na sua furia de irradiar—ha-de acabar por irradiar todo o partido e ficar sósinho na Agua da Flor. E' questão de lhe darem tempo...

—Qual é a opinião da massa do partido, neste conflito?

—A massa popular do Partido — o nervo e o sangue do P. R. P. — está comnosco, com as nossas ideias, com as nossas aspirações; com o actual Directorio, só estão os «conselheiros» — os «bonzos»...

—E, dentro do Directorio ha unidade de vistas?

—Posso afirmar-lhe que, pelo menos um vogal — o sr. Vitorino Guimarães — nem sequer tomou ainda posse do seu cargo, por não concordar com a orientação do Directorio. E não faz segredo disso.

—Vêem com bom grado que este governo prepara ás eleições?

—Vemos.

—Mas o sr. dr. Domingos Pereira é membro do Directorio...

—Sim. Mas é uma pessoa excepcional...

—E concordará com as irradiações?

—Não sei. Ele o dirá. Sei apenas que, eleito membro do Directorio, não vai ás reuniões.

—Eleições?

—O que nos interessa, especialmente, é Lisboa e o Porto. Em Lisboa, devemos ganhar pelo menos no circulo oriental; no ocidental, não sei... Ganhamos tambem em muitos circulos da provincia.

—Quantos deputados calculam eleger?

—Uns 35.

—*O Rebate*, a proposito do discurso do general Gomes da Costa, insinúa que os esquerdistas «tramam na sombra» qualquer revolução...

—Deixe-os falar. Eles bem sabem que nós não precisamos de revoluções. Para nos dar o triunfo total, basta que o Directorio continúe a *irradiar*, com a vontade com que o tem feito até agora

O PRESO X...

Ha três dias que se encontra preso no governo civil um homem misterioso...

O Governo Civil guarda ha dias um preso misterioso. Um preso desconhecido — será um romantico preso? Como se chama? Nem nome, nem identidade. Sabe-se apenas que é português. Fala com os agentes da 3.ª secção, um dos quais o acompanha constantemente.

O preso veste bem, gosa de certas considerações policiais e dorme, segundo se diz—segredos do travesseiro — num «maple» do gabinete do director.

O preso X está incomunicavel, mas não invisivel.

Houve quem o visse já hoje á porta de uma das secções do Governo Civil. Era de manhã. A' tarde o preso X desapareceu por um dos muitos corredores de toupeira que existe no edificio. Para onde seguiu ou para onde se perdeu propositadamente? Houve uma certa efervescencia no pateo do Governo Civil. Alguns agentes, mesmo em cabelo, saíram, mas voltaram depressa, caras serenas e perspicacia tranquila. Na rua, junto do teatro de S. Carlos, estacionava um automovel verde.

O volante estava abandonado. As cortinas do carro, corridas. Corridas, porquê? O preso X esperneia dentro do automovel? Mas o quê? Era já a liberdade?

A policia afirma que o preso X não existe, no entanto vai dizendo aos *reporters:*

—Os senhores não teem nada com o caso. E' particular. Andam a escangalhar as pistas.

Ha mais que uma pista? Quantas acusações impendem sobre o homem? Duas? Uma? Nenhumas?

Apenas suspeitas?

O preso X existe, garantimo-lo sob palavra de honra. Está entregue ao sr. dr. Pinto de Magalhães—que á tarde tinha saído do Governo Civil, naturalmente, em diligencias particulares que se referem ao caso.

Se nós o seguissemos? O passo miudinho do juiz dr. Pinto de Magalhães... Depois o *reporter*... Um segue por um passeio, O outro por outro... Rua Ivens... Calçada de S. Francisco... Rua do Ouro... Surgem as casas bancarias... Uma—é o juiz entra. Demora-se. Sai. Fecha a pasta. Outro banco... A demora prolonga-se... O passeio do sr. dr. Pinto de Magalhães aclara-nos o caso do preso X. Uma suposição de desvio? Uma suspeita errada? Nem uma nem outra? Precisamente o contrario?

O misterio persiste, já menos misterioso porque lhe levantámos uma ponta—mas ainda misterio.

O 18 DE ABRIL

Consta que o coronel sr. Aguiar, comandante de Infantaria 1, pediu a exoneração do seu cargo, em virtude de se achar descontente por não terem sido recompensados na ultima «Ordem do Exercito» os seguintes oficiais da sua unidade e que faziam parte da 1.ª companhia por ocasião do movimento revolucionario de 18 de Abril do corrente ano: capitão Antonio Dias Bargão, tenentes Julio da Silva Madeira e Manuel Joaquim Caldas, alferes Olimpio Mil Homens.

A "Legião Vermelha" no norte do país

Os agentes José Augusto e Soares, da P. S. E., foram a Famalicão, Santo Tirso e Braga, donde regressaram ontem, por terem ali aparecido cartas ameaçadoras em nome da «Legião Vermelha», enviadas a diversos comerciantes, lavradores e proprietarios.

Os referidos agentes suspeitaram de que os autores das referidas cartas fôssem Alfredo da Costa Junior, Joaquim da Costa Rodrigues Oliveira, Antonio de Oliveira Cabral, Rogerio de Carvalho, José Ferreira Leal, e Manuel da Costa Oliveira, que foram presos.

Nada se apurou, porém, contra eles, motivo porque foram postos em liberdade.

Os referidos agentes suspeitam agora que os autores das cartas sejam legionarios que fugiram de Lisboa por serem perseguidos pela policia.

A revisão dos processos dos deportados

O sr. dr. Barbosa Viana foi encarregado de fazer a revisão dos processos referentes aos legionarios ultimamente enviados para a Guiné, no que será auxiliado pelo tenente sr. Jorge de Carvalho e pelo dr. Milheiro Fernandes.

Centro Fotografico de Lisboa
LUIS ROSA
233, Rua da Prata, 235
Material fotografico dos melhores fabricantes, aos mais baixos preços do mercado.
Esta casa continua revelando gratuitamente todas as peliculas nella compradas.

Loteria de hoje

Numeros mais premiados

2266...	300.000$00	4037...	2.000$00
5792...	50.000$00	5163...	»
662...	15.000$00	5183...	»
507...	2.000$00	6275...	»
1257...	»	8587...	»
1372...	»	9056...	»
2071...	»		